



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração da primeira etapa do campus Agreste da UFPE
e de entrega das instalações do campus Caruaru IFPE**

Caruaru-PE, 27 de agosto de 2010

Minha querida companheira, primeira-dama do estado de Pernambuco,
Renata Campos,

Meus queridos companheiros ministros da Educação, Fernando Haddad;
da Ciência e Tecnologia, Sergio Machado Rezende; e Franklin Martins, da
Secretaria de Comunicação Social.

Querido companheiro Fernando Bezerra, secretário estadual do
Desenvolvimento Econômico do estado de Pernambuco,

Magníficos Reitores Amaro Henrique Pessoa Lins, reitor da Universidade
Federal de Pernambuco e Sérgio Gaudêncio Portela, reitor do Instituto Federal
de Pernambuco,

Nosso querido companheiro José Queiroz, prefeito de Caruaru,

Dom Bernardino Marchió, bispo da Diocese de Caruaru,

Querido companheiro Ian Ivanovich, presidente da União Brasileira de
Estudantes Secundaristas,

Nossos queridos companheiros estudantes, Rosângela Ximenes e
Marcelo Oliveira Júnior, que falaram aqui, por meio de quem cumprimento os
demais estudantes,

Companheiros da imprensa,

Amigos de Caruaru,

Companheiros e companheiras,

Primeiro, eu não vou falar de educação, depois de ter falado o Ministro
da Educação, de ter falado dois estudantes e os dois reitores. Eu queria falar



com vocês sobre o momento que o Brasil está vivendo e o momento que o Nordeste está vivendo.

Eu tinha, na minha consciência... eu tinha, na minha consciência, a clareza de que era preciso a gente, para mudar o Brasil, mudar um pouco a realidade regional tão discrepante no nosso país. As estatísticas do Brasil, quando o IBGE publicava uma estatística, quando se tratava de coisa boa era o Sul e o Sudeste, quando se tratava de coisa ruim era o Norte e o Nordeste.

Então, o Nordeste era a região do Brasil que tinha menos doutores, que tinha menos pesquisadores, que tinha menos mestres, que tinha menos engenheiros, mas, ao mesmo tempo, era a região do Brasil que tinha mais desnutrição, mais mortalidade infantil, mais analfabetismo, menos doutores, menos universidades, ou seja, menos jovens, portanto, na escola. E não era possível a gente tornar o Brasil mais equânime, se a gente não atacasse rapidamente o enfrentamento, as distorções que existiam no nosso país. E isso está acontecendo.

Eu posso aqui, meu caro amigo José Queiroz, eu posso aqui, meu caro Fernando Bezerra, sem ter nenhum número na mão, nenhum número, dizer para vocês que se vocês quiserem pesquisar de 30 anos para cá, ou se quiserem pesquisar de 40 para cá, o Nordeste brasileiro nunca recebeu a quantidade de investimentos que está recebendo agora. Nunca recebeu. Nunca! E não apenas Pernambuco, porque é o meu estado, mas todo o Nordeste brasileiro. E não só o Nordeste, eu duvido que São Paulo, que o Rio Grande do Sul, que o Paraná, que Santa Catarina, que Minas Gerais ou que o Espírito Santo receberam também, nos últimos 30 anos, a quantidade de dinheiro que receberam no meu governo. Duvido. Por uma razão muito simples: nós, ao quisermos desenvolver o Nordeste, nós não queremos tirar nada de nenhum estado. Nós queremos apenas dar aos estados mais pobres do Nordeste a mesma oportunidade que os outros já tiveram.

Então eu fico, meu caro José Queiroz, feliz, porque há algum tempo, se



eu quisesse ver uma orquestra tocar, eu tinha que ir ao Teatro Municipal do Rio de Janeiro ouvir a Orquestra de Brasília ou a Sinfônica de São Paulo. E, hoje, eu ouvi uma orquestra de meninos pobres no aeroporto da cidade de Caruaru. Eu vejo a Orquestra lá da Favela do Coque, em Recife. Então, era preciso criar essas condições.

Uma coisa extremamente importante que o Ministro da Ciência e Tecnologia me disse: até antes de nós chegarmos ao governo, a formação de mestres e doutores no Nordeste significava apenas 1,3% de todos que são mestres e doutores que se formavam. Hoje, já está a 9,7[%] de todos os doutores que estão se formando aqui no Nordeste.

Quando nós decidimos fazer escolas técnicas profissionais, era quase por uma decisão de experiência de vida. Ou seja, eu não tinha tido a oportunidade de estudar. Graças a Deus, todos os meus filhos já têm diploma universitário. Mas nem eu e nem oito irmãos conseguimos chegar além do primário. Eu quase virei doutor porque fiz o Senai, quase virei doutor.

Então, eu digo, porque é preciso mexer com a cabeça dessa meninada: eu fui o primeiro filho, de oito que a minha mãe teve, a ganhar mais que um salário mínimo; eu fui o primeiro a ter uma casa; eu fui o primeiro a ter um carro; eu fui o primeiro a ter uma televisão; eu fui o primeiro a ter uma geladeira, por conta de uma profissão que eu aprendi na vida. E é por isso, é por isso que eu tenho autoridade moral e política de dizer para a juventude deste país: vocês precisam ter consciência que hoje o saber, o conhecimento é que faz a diferença e que dá oportunidade para a gente crescer ou não crescer. Quando vocês tiverem uma profissão, seja ela qual for, vocês serão mais cidadãos do que se vocês não tiverem uma profissão.

Por isso é necessário estudar agora. Estudar e estudar. Não há nenhuma razão para que um jovem fique desmotivado: “Ah, meu pai está desempregado. Ah, meu pai brigou com a minha mãe. Ah, eu não sei das quantas”. Não existe, não existe uma palavra que possa desmotivar um jovem



a estudar, a não ser se ele estiver doente, porque o estudo de vocês hoje significará a independência de vocês amanhã, para o homem e para a mulher. Para o homem é necessário, porque todo mundo precisa vencer na vida, todo mundo quer constituir família, todo mundo quer ter filho e todo mundo quer cuidar da família dignamente. Mas para a mulher é mais sagrado, porque nenhuma mulher tem direito de ser submetida a um homem porque depende de um prato de comida que ele leva para casa. A mulher... a mulher e o homem, eles têm que viver juntos porque querem viver juntos, porque se respeitam, porque gostam um do outro e porque querem ficar juntos; ninguém é obrigado a ficar com ninguém.

Acontece que se a mulher não tiver uma profissão e ela tiver dois ou três filhos, ela se submete a muita coisa, porque ela não trabalha fora. E a mulher, quando trabalha fora, que tem o seu salário, ela fica mais dona da situação. Quando, quando os “Lulas” da vida chegarem em casa falando grosso com a mulher, ela fala: “Espera aí, meu filho, fale baixinho, fale baixinho, me respeite, me respeite, que eu quero conversar com você em igualdade de condições”. E, aí, viver em harmonia, construir a família em harmonia, e a gente vai viver feliz para o resto da vida. No meu caso, eu já estou casado há 36 anos com a minha galega chamada Marisa.

Pois bem, nós tínhamos consciência de que era preciso fazer o Nordeste dar um pulinho a mais, era preciso fazer o Nordeste. E aqui, no Nordeste, nós temos algumas obras, Fernando Haddad, nós temos obra que esse povo esperava há um século: a transposição das águas do Rio São Francisco, para levar água para a região mais pobre de Pernambuco, do Rio Grande do Norte, da Paraíba e do Ceará.

O Imperador Dom Pedro tentou fazer, em 1847, em 1847, ele que era Imperador, tentou fazer e não conseguiu, por conta das pressões políticas. E nós... Vários outros presidentes tentaram fazer. Tinha presidente que era assim, tinha presidente que dizia que ia fazer, mas a Bahia era contra, então



ele chegava na Bahia, dizia que era contra; o Ceará era favorável, no Ceará ele dizia que era favorável. Ou seja, e um monte de políticos de duas caras, nunca conseguiram fazer.

Pois bem, quem quiser ver e quem quiser fazer um passeio, vá fazer em um canal de 642 quilômetros que vai trazer água do Rio São Francisco para 12 milhões de nordestinos do semiárido, que passam sede. Vocês, jovens, não passaram por isso, mas um dia, talvez, a ciência vai provar que o fato de eu não ter pescoço é de carregar pote d'água na cabeça com dez anos de idade. Você já carregou caçua na cabeça? Não. Não, você não sabe. O pescocinho engrossou de tanto colocar... a cabeça ficou até quadrada.

E eu acho que não é justo, não é justo que alguns tenham água gelada na geladeira e os outros tenham que buscar... Eu ia, Zé Queiroz, buscar água em um lugar conhecido como o Açude de Tozinho, lá em Caetés. A gente chegava em casa com um pote d'água, tinha um palmo de barro, lesma, caramujo, sujeira de vaca, sujeira de cabra, de cavalo. A gente tinha que esperar aquela sujeira assentar, tirar a água na canequinha, colocar em um outro pote e beber. Quando eu saí de Pernambuco para São Paulo, minhas pernas eram da grossura desse dedo e a barriga era assim. Eu pensava que era gordura, era verme. E hoje eu estou aqui, bonitão e presidente da República deste país, graças à não desistência, graças à persistência, que é isso que eu acho que vocês devem fazer.

Um outro projeto que nós estamos fazendo é a Transnordestina. Ah, se vocês pudessem fazer um passeio, se você pudesse pegar um helicóptero e levar teu povo para ver 1.720 quilômetros de ferrovia cortando esse mato, lá do Ceará, do porto de Pecém ao porto de Suape, passando por Elizeu Martins, no Piauí, para pegar soja, e transportar a riqueza deste país para o porto de Suape e o porto de Pecém. É uma ferrovia que levou cinco anos para a gente conseguir construir a engenharia financeira, vencer todos os obstáculos do Tribunal de Contas, todos os obstáculos do Ministério Público, todos os



obstáculos do Ibama, todos os obstáculos da desapropriação, todos os obstáculos do Poder Judiciário, e vai demorar dois anos para a gente fazer. Ou seja, cinco para derrotar a burocracia e dois anos para fazer 1.700 quilômetros de ferrovia.

Mas não é apenas isso. Essa Ferrovia [Rodovia] BR-101, que quando vocês pegarem um carro e saírem por ela, vocês vão perceber que ninguém vai lembrar de estrada da Alemanha, porque é uma estrada bem feita, de concreto, só que também, só que também para vencer a burocracia... Já era para estar pronta em muitos trechos, mas aí para porque tem desapropriação, porque a empresa de luz não tirou o poste, porque tem solo mole e tem que fazer a engenharia para o solo endurecer, mas nós já começamos Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe, onde assinamos o último trecho de Aracaju até Feira de Santana, na Bahia, para o nordestino pegar um carro e andar o Nordeste inteiro, escolher a praia que ele quer parar e tomar o seu banho.

Não é apenas isso. O porto de Suape, antes era um porto que a gente ficava perguntando: “Para que serve o porto de Suape?” Hoje, o porto de Suape, eu acho que dentro de uns dez anos se transformará em um dos grandes portos deste país, porque nós achamos que não era possível a gente não ter coragem de enfrentar o problema do Nordeste.

A Petrobras, ela não queria fazer refinaria, ela agora está fazendo a refinaria de Pernambuco, fez a refinaria de querosene, no Rio Grande do Norte, vai fazer uma de 300 mil barris em Fortaleza, e vai fazer uma de 600 mil barris no Maranhão, para que a gente possa desenvolver todo o Nordeste brasileiro. Quando o Nordestino for para São Paulo ou para Nova Iorque é para passear e não (falha na gravação), como se fosse a parte inferior deste país. Nós queremos ser iguais, com o olhar humilde, mas de cabeça erguida. Nordestino não é menos do que ninguém; e também não queremos ser mais, queremos ser iguais e queremos ser tratados.



Por isso, eu estou feliz, meu caro Zé Queiroz, de vir aqui e saber que logo eu, que não tenho diploma universitário, vou passar para a história até mil... até 2010, porque eu acho que vai ter mais depois (falha na gravação) ...fazer mais, porque agora nós mudamos o paradigma. Agora, quem vier sabe o que nós já fizemos e vai ter que fazer muito mais, as pessoas vão ter que fazer e aprenderam.

Por isso, Zé... Não, essa BR aí, essa BR-104 que eu vi agora, que a gente está duplicando, em um convênio com o governo do estado, vai facilitar a vida do povo de Caruaru extremamente. Uma coisa que eu acho fantástica no Nordeste é que o povo está trocando o jumentozinho por uma moto. Ninguém tem que dar mais esporada, agora é só acelerar mais rápido, não sei se é mais econômico que o jumentozinho, se der uma boa comida, é.

Mas, de qualquer forma, eu estou feliz pelo que está acontecendo no Nordeste. Eu, a coisa que me deixou mais alegre é que na crise americana e na crise europeia, a crise no Brasil não foi forte porque o povo do Norte e Nordeste consumiu mais do que o povo do Sul e do Sudeste, o povo foi à compra.

Por isso, Zé Queiroz, se a gente continuar mais dez anos do jeito que a gente está, daqui a pouco a gente vai chegar em Caruaru, pensa que está em uma Paris, pensa que está em Madri, de tão chique que está isso. Agora, no ano que vem, como eu não sou mais presidente, não vai ter encheção de saco de segurança, de cerimonial, eu vou vir dançar um forró aqui em Caruaru. Vou ensinar para vocês, vou ensinar para vocês como é que se dança um forró. As mulheres podem ir preparando um sapato novo, eu venho, prometo não pisar no pé de ninguém.

Olhe, gente, eu estou falando demais, eu estou falando demais, eu tenho que ir à Petrobras agora, em Suape.

Companheiros, eu vi duas ou três pessoas que estavam levantando uma camisa preta aí, que estavam de greve. Eu queria ver se vocês dão a volta ali e



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

me esperam ali, para conversar dois minutos comigo, dão a volta ali para conversar comigo. E essa moça que quer tirar foto, essa moça, também, pega ela, leva ela ali, que a gente tira um retrato com ela.

No mais, companheiros, um grande abraço. Boa aula, segunda-feira, para os estudantes que vão começar a estudar na nossa escola técnica. Um abraço e até outro dia, se Deus quiser.

(\$211A)